

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**  
**CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**FERNANDO HENRIQUE BARBOSA HILÁRIO**

**PLURALIDADE CULTURAL:** Peça chave no desenvolvimento do processo  
ensino – aprendizagem no Piauí na cidade de Paes Landim

PICOS-PI  
2013

FERNANDO HENRIQUE BARBOSA HILÁRIO

**PLURALIDADE CULTURAL:** Peça chave no desenvolvimento do processo  
ensino – aprendizagem no Piauí na cidade de Paes Landim

Monografia apresentada ao Curso de  
Licenciatura Plena em História, do Campus  
Senador Helvídio Nunes de Barros, da  
Universidade Federal do Piauí.  
Orientador: Prof. Ms. Raimundo Nonato Lima  
dos Santos

PICOS-PI  
2013

**FERNANDO HENRIQUE BARBOSA HILÁRIO**

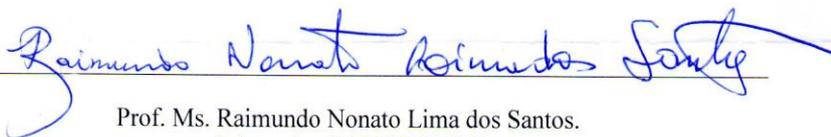
**PLURALIDADE CULTURAL: PEÇA CHAVE NO DESENVOLVIMENTO DO  
PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM NO PIAUÍ NA CIDADE DE PAES LANDIM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de História da Universidade Federal do Piauí,  
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como  
requisito parcial para obtenção do Grau de Graduado  
em Licenciatura Plena em História.

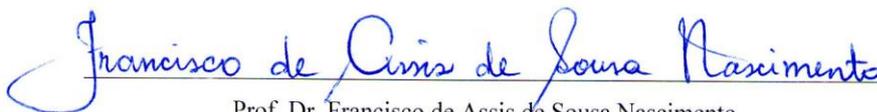
Orientador(a): Msc. Raimundo Nonato Lima dos  
Santos

Aprovado em 25 / 11/2012

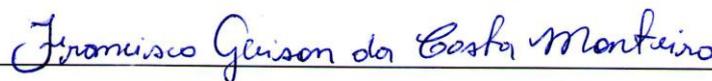
**BANCA EXAMINADORA:**



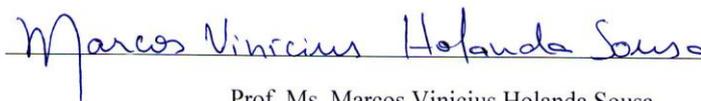
Prof. Ms. Raimundo Nonato Lima dos Santos.  
Orientador (UFPI/CSHNB)



Prof. Dr. Francisco de Assis de Sousa Nascimento  
Membro (UFPI/CSHNB)



Prof. Ms. Francisco Gleison da Costa Monteiro  
Membro (UFPI/CSHNB)



Prof. Ms. Marcos Vinicius Holanda Sousa  
Suplente (UFPI/CSHNB)

A maior força de qualquer ser humano, Deus;  
A natureza que se fortalece a cada manhã com  
a luz do sol, o ar, a água, o alimento...

Fazendo-me cada vez mais forte;

Aos meus familiares e amigos que me  
encorajem com seu amor, dedicação,  
compreensão, respeito e apoio incondicional.

Aos professores que ajudaram a trilhar o  
caminho até aqui, mostrando “que se fosse  
fácil encontrar o caminho das pedras, tantas  
pedras no caminho não seriam ruins”.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus pela sua proteção divina e infinita que se trouxe até aqui para ir além...

A minha família, a meus pais Iolanda Barbosa de Carvalho Sobrinho e Joaquim Hilário Sobrinho, a meus irmãos Jakley, Rony e Sheely, a tia Maria Valda e a minha namorada Jossana Santos.

Ao professor, atenção e presteza.

A todos os colegas Arnon, Breno, Tonny, Misael, Débora e os demais colegas e demais profissionais da UFPI que contribuíram direta e indiretamente para que a minha estadia, na então instituição, fosse a melhor possível.

Obrigado a todos!

“Os profetas são aqueles ou aquelas que se molham de tal forma nas águas de sua cultura e da sua história, da cultura e da história do seu povo, que conhecem o seu aqui e o seu agora e, por isso, podem prever o amanhã que eles mais que adivinham, realizam.”

(Paulo Freire)

## RESUMO

A sociedade brasileira formou-se sobre a base de três etnias: branco negro e índio. O que resultou numa formação cultural bastante diversificada. O Brasil é um país plural. E a escola não pode ignorar esse fato, para tanto necessita de várias mudanças para que haja o respeito pelas singularidades de cada educando, bem como esse seja um fator considerável no desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem. A realidade da escola brasileira ainda está distante de desenvolver um trabalho que respeite a pluralidade cultural. É necessário que haja uma mudança de atitude, de postura – escola, professor, currículo, sistema de ensino, sociedade – o que evitaria diversos transtornos como discriminação, desigualdade social e falta de oportunidade. As particularidades são um espaço de formação de conceitos, opiniões, de valores; de construção de identidades.

**Palavras – chaves:** cultura. diversidade. pluralidade. desigualdades. discriminação. respeito.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	08
<b>1. AS IDENTIDADES DO POVO BRASILEIRO</b> .....	10
1.1. Povos que contribuíram para a formação da identidade brasileira.....	10
1.2. Os diferentes Brasis .....	15
1.3. Mas a final o que é pluralidade cultural .....	18
<b>2.PLURALIDADE CULTURAL E EDUCAÇÃO: ALIANÇA INSEPARÁVEL</b> .....	19
2.1. O papel a escola no processo de construção do trabalho pluricultural.....	20
2.2. A formação pluricultural do professor .....	21
2.3.Currículo dentro da perspectiva pluricultural .....	24
2.4. Uma tentativa de mudança.....	25
<b>3. ESTUDO DE CASO: PLURALIDADE CULTURAL: COMO VEM SENDO ESCARADA E DE QUE FORMA O PROFISSIONAL DA U.E. JOSÉ MARIA BORGES VEM SENDO PROPARADO PARA TRABALHÁ-LA</b> .....	29
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	36
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	37

## INTRODUÇÃO

O Brasil é um país verdadeiramente plural, cultural diversificado, não há como negar, apesar das tentativas de busca por uma igualdade, é impossível unificá-la. A diversidade cultural é um defeito, ou um problema, os transtornos provenientes desses aspectos estão relacionados a falta de respeito, igualdade de oportunidade e valorização.

Esse trabalho monográfico busca analisar e conhecer os aspectos que fazem do Brasil um país pluricultural; observar de que forma a escola vem trabalhando a pluralidade cultural, bem como de que forma o profissional tem mecanismos de orientação e trabalho voltado para o respeito e valorização das diferenças e promoção de uma educação que ofereça igualdade de oportunidades para todos.

A escola é um reflexo da sociedade, logo sua clientela também se constroem sobre as bases de uma cultura diversificada, muito dos transtornos – preconceitos, discriminação, desrespeito, oportunidades desiguais ocorridos nesse âmbito são consequência desse fato. Por isso o processo de ensino aprendizagem não pode ignorar ou mesmo se render às injustiças sociais, deve para tanto funcionar com ferramenta de promoção de uma educação para todos, que é um direito garantido constitucionalmente a todos os brasileiros, independentes de sua classe, raça, sexo e cor.

Tendo em vista todas essas questões esse trabalho monográfico está dividido em três capítulos que foram desenvolvidos em torno da temática “Pluralidade Cultural: peça chave no desenvolvimento do ensino aprendizagem”, aspecto esse profundamente esquecido, o que gera “estragos” na educação e deixa de trabalhar um elemento essencial no processo educativo que é a identidade do aluno. A escolha desse tema se deu por acreditar que a pluralidade cultural não pode ser esquecida, ou mesmo omitida, ou seria o mesmo que negar que o aluno (educando), é também uma pessoa que chega a escola com uma cultura individual e que almeja ampliar de modo progressivo seus interesses, necessita ser visto como um ser que possui peculiaridades necessidades específicas. Nesse sentido traz-se:

No primeiro capítulo procura mostrar e fundamentar a pluralidade que existe evidentemente na sociedade brasileira desde a sua formação, caracterizando a diversidade humana e geográfica.

Já no segundo capítulo é feita uma abordagem sobre o imprescindível papel da escola na eliminação das desigualdade sociais e na busca de condições sociais iguais.

Trate-se ainda, do papel do professor, da formação do currículo e da tentativa de mudança para sanar as desigualdades provenientes das “diferenças culturais”.

O terceiro capítulo relata como vem se desenvolvendo o trabalho pluricultural no âmbito escolar e que formação os profissionais vem recebendo para lidar com a diversidade cultural em benefício dos educando e promoção de condições sociais dignas para todos.

Dentro da perspectiva pluricultural busca-se entender como esse trabalho acontece, como deveria acontecer, de que forma pluralidade cultural é tida como essencial no processo de ensino-aprendizagem como veículo favorecimento de um crescimento social do indivíduo enquanto pessoa que possui uma cultura singular e não menos importante, que por esse motivo deve ter condições iguais na escola, no sentido de ser respeitado e poder receber uma formação digna, sem restrições que sejam inerentes a sua forma de vida.

## CAPÍTULO I

### IDENTIDADE DO POVO BRASILEIRO

#### 1.1 Povos que contribuíram para a formação da identidade brasileira

O Brasil é um país rico em diversidade tanto étnica quanto cultural plural em sua identidade: é índio, afro – descendente, imigrante, é urbano, sertanejo, caçara, caipira e muitos outros ainda, presentes nas variadas partes desse país.

É complexo classificar um genuíno brasileiro entre tantos povos, com tantas variações, porém algumas características indicam de um modo geral, o provável perfil do brasileiro. Damata (2003, p. 09), faz uma descrição bem pessoal e impessoal de tais características:

Sei, então que sou brasileiro e não americano, porque gosto de comer feijoada e não hambúrguer; porque sou muito desconfiado de tudo o que vem do governo; porque vivo no Rio de Janeiro e não em Nova York; porque falo português e não inglês; porque, ouvindo música popular, distingo imediatamente um frevo de um samba; porque para mim futebol é praticado com os pés e não com as mãos; porque vou à praia para conversar com os amigos, ver as mulheres e tomar sol, jamais para praticar um esporte; porque no carnaval trago à tona minha fantasias; porque sei não existe jamais um “Não” diante de situações formais e que todos, posso dar um “jeitinho” porque entendo que ficar malandramente “em cima do muro” é algo necessário e prático no caso do meu sistema; porque acredito em santos católicos e também nos orixás africanos e não tenho uma posição religiosa exclusiva e rígida; porque sei que existe destino e, no entanto, tenho fé no estudo, na instrução e no futuro do Brasil; porque sou leal a meus amigos e nada posso negar a minha família; porque, finalmente, sei que tenho relações pessoais que não me deixam caminhar sozinho nesse mundo, como acontece com meus os amigos americanos, que sempre se veem como indivíduos!

Damata, fala de forma popular das peculiaridades dos brasileiros, traços que são comuns a maioria, que caracterizam de forma abrangente, porém não absoluta. Fazendo assim, um apanhado geral da cultura brasileira, desde os hábitos, costumes alimentares religiosos, músicas e relações humanas. Fala de um povo que na multiplicidade se mantém unido pela fé, alegria e força, que os identifica como brasileiros.

Devido aos primórdios da história, que retrata um cenário marcado por invasões, colonização abrupta, afetos e desafetos, exploração, dizimação... O Brasil abrigou muitos

tipos étnicos, logo, seria exclusório dizer que uma única e determinada tipologia étnica teria sido a base da formação cultural brasileira.

A construção de uma identidade (seja ela pessoal ou social) é feita de afirmativas e negativas diante de certas questões: o modo de pensar, o comportamento, o agir... O posicionamento das pessoas diante de uma lista de coisas importantes: suas crenças, seus ritos, lendas... Que pode identificar seus valores sociais, seu estilo e “jeito” de cada sistema, a cultura de determinado grupo.

Para Cunha (2002, p.18) “Pode-se dizer que a matriz do povo brasileiro é formada por três etnias: índio + branco + negro, que criaram uma nação unificada”. Com base nessa afirmação reforça-se a evidente miscigenação que não permite singularizar o processo de construção da cultura nacional brasileira, dedicá-lo a apenas um tipo de etnia. Ao longo da história do povo brasileiro tem se constituído por meio de muitas identidades, muitas influências, e que pode resumir-se em índio, branco e negro.

#### 1.1.1. Índio

Segundo os relatos da historiografia brasileira tudo começou pelos índios que habitavam a terra, que eram de várias nações: Tupi, quarani, qualikuru, ianomâmi, xavante, caiapó, kaingang, onde cada um desses povos falavam sua própria língua e dialeto.

Aos índios deve-se a nossa gente atual, especial nas paragens em que mais cruzaram, como é o caso no centro, norte, leste e oeste e mesmo sul do país, muitos dos conhecimentos e instrumentos de pesca, várias plantas alimentares e medicinais, muitas palavras da linguagem correte, muitos costumes locais, alguns fenômenos da mística popular, várias danças e certa infusão na poesia anônima, especialmente no ciclo de romances dos vaqueiros, muitos corrente na região sertaneja do norte, era famosa zona das secas, entre Paraguaçu e o Parnaíba, a velha Pátria dos Cariris (DIÉGUES JR. 1980, p. 68).

O povo indígena é o primeiro elemento cultural presente no Brasil, e durante muitos anos foi massacrado pelos invasores europeus, teve sua gente e cultura dizimada. Mas sobreviveram e formam uma parte essencial da cultura, embora sejam alvos de preconceito, até por parte da própria gente que se evade das aldeias para conviver entre os “brancos” (por eles assim chamados). Os costumes indígenas são uma presença constante na cultura brasileira, por meio de suas danças, hábitos alimentares, plantas medicinais. O Brasil de hoje deve muito a cultura indígena que sobreviveu a custa da resistência oferecida aos

colonizadores que massacraram e dizimaram grande parte dessa “raça”, alias ‘no estado do Piauí todos os índios foram dizimados’.

O vocabulário tupi, que era a língua indígena mais falada, foi substituído pelo “português”, em face do choque cultural e das novas necessidades surgidas a partir da criação de um novo estado, onde prevalecia a supremacia do colonizador europeu. Porém, o português falado no Brasil foi bastante enriquecido com um numeroso vocabulário de origem indígena. Também foi herdado o labor com a terra, a agricultura, que até hoje é um fortíssimo elemento da economia brasileira.

Muitos consideravam os índios como quase “gente” e outros ainda desconhecem a existência destes. Mesmo convivendo diariamente com palavras do vocabulário indígena, hábitos, costumes, comidas... não sabem de onde vêm. Desconhecem a procedência de sua identidade. (dados obtidos por meio do DVD do MEC – Pluralidade Cultural).

Se até no século XX ainda não conseguiram acabar com os índios não será nos séculos XXII, XXIII... que isso vai acontecer. Os povos indígenas apesar de toda repressão histórica que abateu sobre suas aldeias proibindo a língua através de missões religiosas e através de repressão do Estado; além do português ainda falam entre si mais de 180 línguas. Figura sempre vista no passado, o índio é uma parte do povo brasileiro bem presente.

Os indígenas de um modo geral levaram muita coisa à cultura brasileira, muitos traços e complexos culturais: tipos de construção, gêneros alimentícios, processos de caça e pesca, agricultura, tecelagem, fabrico de cestas, instrumentos musicais, mitos, lendas, práticas religiosas e mágicas, receitas, atividades recreativas, músicas, palavras de linguagem corrente. Vários elementos do quadro cultural indígena foram igualmente aceitos pelo colonizador e se estenderam às populações brasileiras.

### 1.1.2. Branco (Português)

Outro elemento construtor da identidade brasileira foi o europeu (principalmente português) que veio para o Brasil e não constituiu uma raça, mas um grupo étnico, que se vinha formado desde longos séculos. Nele figuravam a maior variedade étnica, havendo assim verdadeira diversidade de tipo antropológicos. E, em consequência mesmo de origens regionais eram, portadores de vários tipos culturais.

De varias províncias portuguesas vieram elementos humanos para a formação da população brasileira. Na verdade, porém, o que se verificava na população portuguesa

da época da descoberta era a variedade étnica, uniformidade entre os homens lusitanos, uns braquicéfalos, outros doliocéfalos, de origem regionais as mais variadas, e conseqüentemente trazendo nessas origens as marcas de uma procedência, da maior ou da menor influência deste ou daquele grupo. (GUIÉGUES JR., 14980, p. 85).

Dentre esses povos, “os homens do povo” – lavadores, camponeses, colonos – foram os principais agentes constituintes da maior influência cultural do Brasil, de origem portuguesa, que se mesclaram as contribuições indígena e africana; em conjunto os três formaram o tronco básico sobre o qual se a formou sociedade brasileira e com ela, se criaram os valores culturais hoje próprios ou peculiares ao brasileiro.

Do Português, ainda, ficou a língua, com as particularidades de adaptação do negro ou do indígena através dos termos, palavras, frases, que se integraram ao português do Brasil.

Como também, as instituições administrativas, as sociais, as morais; o tipo principal da habitação, a forma de construção dos povoados e vilas, traje, os meios de transportes, a culinária, o mobiliário.

A alimentação também foi adotada pelo brasileiro, porém integrada a elementos de origem indígena ou africana: a substituição do trigo pela mandioca, de influência o uso do dendê ou de certos quitutes africanos, de introdução pelo emento negro. Mas o preponderante na alimentação foi de proveniência portuguesa, sobretudo o uso de gêneros importados nos primeiros tempos da colonização, como a primeira-do-reino, farinha-do-reino, azeite português.

O folclore brasileiro é essencialmente português: conto, adivinhas, histórias, romances, danças dramáticas, mamulengos, festejos de natal, de Ano Novo ou de Reis, São João, crenças, tradições, cantigas. O indígena e o negro dosaram essa formação, contribuindo com seus ritmos, seus contos, suas músicas, suas danças; mas a partir fundamental desse folclore é, sem dúvida, lusitana, embora hoje se apresente intensamente mestiçado.

Muitas características europeias pairam sobre os valores culturais brasileiros, sabemos de suas imposições durante o período colonial, sua intolerância quanto aos que já aqui viviam e que de todas as formas queriam “civiliza-los”, já que consideravam essa gente, os indígenas, como bárbaros. Aos poucos também os portugueses misturaram-se a cultura indígena, e ainda a negra, o que gerou nossa diversidade cultural.

### 1.1.3. O negro

O negro foi trazido ao Brasil, principalmente como mão-de-obra, capaz de substituir o indígena. Foi o elemento humano que completou a atividade do português como criador de um sistema de agricultura tropical, que serviu de base no processo de colonização com que foi ocupado o território brasileiro.

Em virtude do contexto e modo como foi inserido na sociedade, falando-se agora somente da sociedade brasileira, - sua situação de escravo – é que se considerou o negro um elemento inferior, em etnia e cultura.

Contudo, é possível verificar que muito dessa cultura subsiste no Brasil, principalmente em manifestações religiosas, o que revela a capacidade de resistência desses povos. Que muito se agarrou a religião e suas danças para sobreviver às condições subumanas a que eram submetidos. É certo que alguns se diluíram, ora desaparecendo, ora mesclando-se com outros que se revelaram mais fortes.

Das diversas culturas, ou apenas das sobrevivências culturais de origem africana, pode-se dizer que estão hoje sobremodo mescladas, não encontrando-se mais puras; é preciso lembrar que já chegavam mesmo ao Brasil perturbadas pelo regime de escravidão.

Os traços ou complexos culturais introduzidos pelo negro da África, através da escravidão, se manifestam, em várias atividades. Sistematizando-se o que foi a participação negro no processo transculturativo no Brasil pode ser lembrado de forma mais evidente e característica em alguns aspectos como na alimentação com uma vastidão de pratos que visivelmente aparecem na cozinha baiana, compreendendo também condimentos; trajes típicos ou o gosto pelo uso de certas cores, técnicas de trabalho nas atividades da lavoura, da mineração, de indústrias rudimentares e da pecuária, inclusive o fabrico de instrumentos de ferro, instrumentos musicais para suas orquestras ou práticas religiosas, influencias na arquitetura do mocambo, introdução de plantas que se aclimaram ao Brasil e ainda de vários costumes brasileiros.

Foi particularmente o escravo que influenciou na organização econômica e social do Brasil constituindo a escravidão uma das três forças, as outras duas – a monocultura e o latifúndio - a sustentação da sociedade, que caracterizou o processo de exploração da nova terra portuguesa, e que fixaram igualmente a paisagem social da vida familiar ou coletiva no Brasil.

Estendeu-se ainda a contribuição do escravo negro ao sincretismo das práticas religiosas de procedência africana, danças como os congos, quilombos, coco, jongo, etc. vocabulários introduzidos na linguagem comum do português do Brasil e igualmente modos e formas de expressão e de dizer. São elementos que põem em relevo a influencia do negro. E,

sobretudo, sua contribuição inapagável e decisiva na vida da família do brasileiro, principalmente através da mulher negra, como mucama ou ama-de-leite, tratando e alimentando os filhos dos senhores, doando não a força braçal, mas proteção, cuidado e amor.

Essa situação do escravo, portanto, marca como traço fundamental, e indispensável de ser assinalado a presença do negro africano no Brasil; a influencia não foi do negro em si, mas principalmente do ao que ele representou: o escravo e a escravidão, como escravo e por causa da escravidão, o negro africano teve sua cultura alterada e dela foi afastado, misturando-se a outros grupos culturais. Em virtude dessa situação de escravo, com sua cultura deturpada, é que se considerou o negro como elemento inferior; não somente uma etnia como também uma cultura inferior. Figurando não um homem, mas um escravo, oscilando entre passividade se apenas fizesse seu trabalho; e rebelde agitador de tentava libertar-se.

A mistura de todos os povos, anteriormente mencionados, de suas línguas, suas comidas, crenças e seus usos e costumes é que deu origem a pluralidade cultural que hoje temos. O Brasil sempre pareceu preso a valores que não escolheu e por isso nunca se assumiu como um povo dotado de farte riqueza cultural, e, sobretudo, povo facilmente influenciável, sempre houve a imposição da cultura dominante, antes pelos “invasores” e os que vinha junto consigo e hoje pela mídia, que veicula um modelo considerado ideal de cultura. Isso faz com que estejam sempre em busca de uma identidade, não conseguindo enxergar as origens, procedências e a cultura evidente, que nada mais é do que a união de todas as culturas que compõem a nação brasileira.

## 1.2 Os diferentes brasis

A diversidade étnica resultou num Brasil com muitas caras.

Nós brasileiros, somos um povo impedido de sê-lo. Um povo mestiço na carne e no espírito, já que a mestiçagem jamais foi crime e pecado. Nele fomos feitos e ainda continuamos nos fazendo. Essa massa de negativos viveu por séculos sem consequência de ... Assim foi até se definir como uma nova identidade étnico-nacional, a de brasileiro. (RIBEIRO, 1995, 9.321).

O Brasil devido a sua grande extensão apresenta uma variedade de meio ambiente. De tipos humanos, atividades econômicas e formas de viver que constituem as diferenças

regionais que levam à pluralidade cultural. Ainda em sua obra “O povo Brasileiro”, Darcy Ribeiro diz que “convivem em nosso país, em função das diferenças históricas, ecológicas, econômicas e imigratórias, várias regiões culturais, os diferentes Brasis”, os quais resumem segundo Darcy, em: Brasil Crioulo, Caboclo, Caipira e Sulinos.

### 1.2.1 Brasil crioulo

Surgiu na fusão racial de brancos, índios e negros na faixa litorânea do Nordeste. A plantação de cana e a produção de açúcar, deu início à atividade econômica na região, foi, com o tempo se expandindo, se diversificando e criando formas de ser, de viver, de cantar, de comer que se constituem na cultura crioula.

### 1.2.2 Brasil sertanejo

Do sertão do Nordeste ao cerrado do centro-oeste se difundiram os currais de gado que deram origem à cultura sertaneja, marcada pelo pastoreio, pelas grandes distâncias, roupas de couro e valentia do povo da terra do lampião.

### 1.2.3 Brasil caboclo

O Brasil Caboclo é o Brasil da Amazônia, marcado pelas tradições e cultura indígena. A atividade econômica principal é a coleta de plantas da mata e do látex dos seringais. O contato próximo com a natureza, o número reduzido dos habitantes da região, a dificuldade de comunicação com os grandes centros preservam a cultura caboclo que mostra que a vida moderna das grandes cidades não é a única forma dos seres humanos, viveram no mundo.

### 1.2.4 O Brasil caipira

Nas áreas ocupadas pelo bandeirantes paulistas – São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso – surgiu a cultura caipira, resultado de uma atividade econômica baseada na venda de índios, mineração de ouro e diamante e, mais tarde, fazenda de café. Os hábitos simples, o isolamento dos sítios, a autossuficiência das famílias, a valorização da atividade

religiosa, que regia o calendário social das comunidades, deixaram suas marcas no modo de viver caipira, em suas músicas e lendas, seus artesanato e suas festas.

### 1.2.5 Os brasis sulinos

O chimarrão, botas com espora, o poncho, as atividades pastoris na instâncias são algumas das expressões da rica cultura gaúcha, surgida da fusão dos índios guaranis com os colonizadores portugueses e espanhóis. Ao lado dela, trazida pelos alemães, italianos e poloneses, a cultura europeia que, com suas comidas, danças e formas de produção, veio enriquecer a paisagem humana e cultural da Brasil Sulino, tudo isso celebrado com muito orgulho nos centros da tradição gaúcha.

As descrições feitas per Darcy mostram as diversas caras do Brasil, claramente vê-se como em cada parte do Brasil encontra-se uma singularidade de povos, que são unidos por uma mesma língua (havendo uma diferença de sotaques e palavras que fazem parte de cultura regional) e se faz maior pela sua diversidade, sua mistura de formas de pensar, sentir e agir a cultura brasileira.

A “mistura” das diferentes raças e etnias resultou nas diversas faces do Brasil. Os brasileiros se sentem pertencentes a uma mesma etnia. Essa união não significa, porem nenhuma uniformidade. O homem se adaptou ao meio ambiente e criou modos de vidas diferentes que não são inferiores ou superiores, mas uma forma de viver particular, inerente a um povo específico, que deságuam numa mesma nação: Brasil.

A cultura são as diferentes formas das pessoas organizarem suas vidas, é a história de um povo, que deve ser respeitada em sua diversidade e especificidade. A identidade se constrói sob a base das raízes culturais, logo uma nação não pode esquecer suas origens. A sociedade brasileira necessita assumir-se em enquanto portadora de um contingente amplo e múltiplo de valores culturais.

## 1.3 Mas afinal o que é pluralidade cultural?

Pluralidade Cultural não é simplesmente um conceito novo de algo ou um conteúdo a ser trabalhado na escola, como muitos imagina. Não é um estado físico ou mesmo um estado de humor. É algo que para muitos não é evidente, enquanto para outros é bem visível, principalmente na sociedade brasileira.

Para Capelo, (2000,p.25) “Diversidade, pluriculturalidade, multiculturalidade, entre outras designação similares ressaltam as diferenças ou características singulares que os grupos sociais possuem quando comparados entre si.” Então pluriculturalidade, multiculturalidade são as diversas formas de vivência e comportamento dos grupos sociais que se fazem presentes numa nação. Caracteriza e identifica um povo, seus traços físicos, comportamentais, atitudinais que aos poucos vão moldando o espaço social.

Como foi citado anteriormente por Darcy Ribeiro, o Brasil é crioulo sertanejo, caboclo, caipira, sulino, um povo diverso que se caracteriza como tal a partir de seus credos, suas danças, suas comidas, costumes, que variam geograficamente. O Brasil é um país plural.

A passagem para o Brasil é um ingresso para um imenso conjunto cultural; em cada espaço depara-se como um espaço peculiar, próprio. A República Federativa do Brasil constitui-se num império composto por muitos reis: “Rei do Brega” – Amado Batista, “Rei da Jovem Guarda” – Roberto Carlos, “Rei do Baião” – Luiz Gonzaga, ícones da música popular brasileira. Essas definições refletem algumas das variedades dos estilos musicais brasileiros, emblema ainda, a diversidade cultural presente no Brasil, como na música, também na dança, religião, comida, etc. Fica verdadeiramente claro que a pluralidade cultural é nitidamente presente no Brasil e que é imprescindível respeitá-la e assumi-la.

## **CAPÍTULO II**

### **PLURALIDADE CULTURAL E EDUCAÇÃO: ALIANÇA INSAPARÁVEL**

O Brasil por abrigar um enorme contingente cultural diversificado, necessita de amparo “especial”, no que tange a educação, também e principalmente, as instituições escolares devem projetar-se para acompanhar a pluralidade cultural do povo brasileiro. Tenho em vista a matriz cultural brasileira, composta por negros, índios e brancos, espera-se que o processo educacional garanta igualdade de direitos e respeito às singularidades de cada etnia, bem como de cada indivíduo. Sem privilegiar ou excluir qualquer grupo, ou mesmo buscar uma homogeneização cultural, fato esse que fugiria ao que realmente se busca – o respeito às especificidades de cada sujeito.

Sobre pluralidade nosso contexto educacional o Parâmetro Curricular Nacional Pluralidade Cultural e Educação Sexual (1997, p.19) enfoca que:

Diz respeito ao conhecimento e à valorização das características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais que convivem no território nacional, às desigualdades socioeconômicas e à crítica às relações sócias discriminatórias e excludentes que permeiam a sociedade brasileira, oferecendo aos alunos a possibilidades de conhecer o Brasil como um país complexo, multifacetado e algumas vezes paradoxal.

Faz-se necessário esclarecer que a pluralidade cultural que aqui é tratada tem como principio o sentido critico que não tem como foco a igualdade entre as culturas, pois não acredita-se na possibilidade igualdade, um consenso cultural. “Rejeita-se a expectativa de um campo cultural harmônico no qual as diferenças coexistam sem problemas. De entender que a diferença como resultado de fácil negociação entre grupos culturalmente diversos”. (MOREIRA, 2005, p.86). Entende que a diferença constitui elemento das relações sociais, é produto da história, da cultura, do poder e da ideologia. O que se anseia não é igualdade cultural é o respeito pelas particularidades, pois a diversidade não constitui um fim em si

mesma, precisa ser reafirmada no interior de uma política de crítica cultural e de compromisso com a justiça social.

A escola como “segunda família”, necessita de uma estrutura capaz de receber sua clientela, não só aspecto estrutural, mas, e principalmente afetivo. Mantendo assim o respeito e a segurança que se não acontece no ambiente familiar, deveria, e ter continuidade na instituição escolar.

No universo escolar comporta-se uma infinidade de valores, famílias distintas que supostamente, compõem individualmente uma cultura heterogênea, no momento em que o educando adentra em meio a esse turbilhão de estilos de vida diferentes do seu, de culturas diversificadas, a preocupação da instituição deve ser a de preservar a integridade de cada um. Oferecendo para tanto, apoio e políticas de combate à discriminação, à intolerância e ao desrespeito.

A comunicação é a base de qualquer diálogo, supostamente a cultura é o conteúdo do diálogo e a escola deve ser um lugar privilegiado de comunicação intercultural, onde os educando possam estabelecer relações “civilizadas”, no que tange, ao respeito pelo outro. Todavia, os objetivos das políticas e práticas educacionais devem ser o de “compensar” as desigualdades, especialmente às originadas por condições de diversidades culturais e sociais adversas. Pois, se estrutura seu ambiente confirmando as desigualdades, só tende a permear relações cada vez mais contraditórias, se ao revés as políticas forem de convivência sociável com diferenças, então a escola poderá cumprir seu papel de promotora de uma “educação para todos”, sem privilegiar esse ou aquele grupo.

Nesse sentido a escola não pode mais se manter com a mesma organização, currículo e formas de atendimentos inalterados, sob pena de acentuar cada vez mais o quadro das dificuldades, ou seja, permanecendo com ofertas educativas homogêneas e alunos com características diferenciadas.

## **2.1 O papel da escola no processo de construção do trabalho pluricultural**

Os sujeitos que constituem a estrutura cultural brasileira, como é o caso do negro, sofrem com o preconceito e a discriminação, que são ainda mais intensos devido a herança originária dos primórdios da colonização brasileira, a caricatura de escravos lhes persegue. O que se torna um fato insustentável, já que o Brasil é o segundo maior país do mundo a abrigar negros, 45% da população brasileira é negra, perdendo apenas para a Nigéria.

A escola desde sua origem foi concebida como uma oportunidade para poucos. E mais tarde diferenciada – dual – uma para cada segmento social (ricos e pobres), contribuindo para a cristalização de conceitos e posturas discriminatórias e permanência de “dominantes” e “dominados”.

Refletir sobre a escola e a diversidade se faz necessário, significa reconhecer as diferenças, respeitá-las e aceita-la, é deixar que parte das tantas reivindicações, propostas e discussões no campo educacional venham a tona. O que não é fácil, porque nem sempre o diferente fascina, muito pelo contrário, choca, assusta, desafia, leva a uma reflexão individual sobre valores, opções e ações. Reconhecer o diferente significa acabar com os preconceitos, com os velhos paradigmas criados em detrimento da desvalorização e exclusão do próximo.

...A existência de semelhanças, de valores universais e de pontos comuns que aproximam os diferentes grupos humanos não pode conduzir a uma interpretação da experiência humana como algo invariável, fragmentado. Essa é uma discussão sobre a diversidade cultural que precisa estar presente na escola. (ÉTICA, mód.1,p.22,2007).

Nesse sentido precisamos estar abertos a convergências e divergências, a final o ser humano é dotado da capacidade de raciocinar, pensar; o que implica a possibilidade de mudar, variar, pensar atitudes, ações. É nessa linha de pensamento que deve seguir a instituição escolar.

É necessário que a escola pense em diferentes formas de avaliação, de definição de objetivos, criando e gerindo situações de aprendizagem, revendo costumes pedagógicos e especialmente encarando as dificuldades e limitações como desafios, como uma possibilidade de superação, de buscar de opções, de proposição de problemas e de luta por melhores condições de trabalho. Há uma grande necessidade de formar professores que assumam a complexidade de sua tarefa e que busquem se qualificar para bem realiza-la.

## **2.2 A formação pluricultural do professor**

O professor enquanto parte educacional do processo de ensino aprendizagem não pode ficar aquém da necessidade que há em se trabalhar a diversidade cultural na escola. Para tanto o profissional necessita de uma formação adequada, dentro do ideal que se busca

alcançando do respeito às diferenças culturais, igualdade de direitos e valorização do educado enquanto portador de individualidades, de uma cultura particular.

Para Moreira (1999, p.87-90) alguns princípios e estratégias precisam ser desenvolvidos para que o profissional da educação possa atuar dentro da perspectiva multicultural, procura então definir oito categorias:

1º Os educadores não podem ignorar as duas questões que as escolas terão de enfrentar, referentes a diversidade cultural, raça, poder, identidade, significado, ética e trabalho. Nesse contexto, importa implicar a concepção de pedagogia, compreendê-la, então, como modo de produção cultural implicando na forma como o poder e o significado são utilizados a serviço da ampliação da democracia. 2º) Uma proposta de formação docente multicultural deve implicar não o desenvolvimento de uma aceitação irrestrita de diferentes manifestações culturais, mas sim, a aprendizagem das habilidades necessárias à promoção de um diálogo que favoreça a uma dinâmica de crítica e autocrítica. 3ª) É necessário lidar com o preconceitos e estereótipos dos professores. 4ª) O foco em aspectos cognitivos, ainda que necessário é insuficiente. É indispensável o envolvimento emocional em diferentes experiências e em discussões de vários textos. 5ª) As propostas de formação de professores menos preconceituosos precisam orientar o futuro docente no trabalho tanto com alunos dos grupos oprimidos como com alunos dos grupo dominantes. 6ª) Certas categorias devem nortear o currículo da formação docentes, dentre as quais as mais comumente proposta têm sido: cultura, conhecimento, poder, ideologia, linguagem e história, destacando-se também: discriminação, racismo e sexismo. 7ª) A recorrentes insistência para que a formação de professores se transforme em espaço de aprendizagem do estabelecimento de elos entre o conhecimento escolar e o conhecimento e os significados que os educando trazem consigo. 8ª) Associam na literatura examinada, os modelos de professor reflexivo e do professor culturalmente comprometido.

Para que a formação docente acompanhe as propostas necessária para o desenvolvimento do trabalho dentro da perspectiva pluricultural o educador não pode ignorar a cultura do educando, nem tampouco a diversidade cultural e choque de valores que irão ocorrer mediante as diferenças d cada educando. Para que isso ocorra é indispensável que ele (o educador) amplie sua visão “do que é como ensinar”. O que sugere o não favorecimento de uma outra cultura, que venha a inferiorizar ou discriminar grupos étnicos e culturais minoritários. Reconhecendo que as outras, não no sentido de mudar de cultura, mas de discussões e debates que levem a uma análise de si a do outro.

Faz se importante o trabalho com conteúdos específicos relacionados aos diversos processos culturais, um estudo das relações entre cultura e escolarização. São importantes também estudos sobre o ensino da história dos grupos oprimidos, atividades didáticas que esclareçam os processos de discriminação, ainda pode-se trabalhar produções textuais que se pautem na discriminação, com o desenvolvimento de pesquisas bibliográficas, entrevistas e ensaios acadêmicos.

O que Moreira propõe, é uma formação profissional que pode ser ainda acompanhada por autobiografias e narrativas pessoais, que propiciem aos professores a oportunidade de refletir sobre as suas próprias experiências e torna-los sensíveis à diversidade da sala de aula e preparados para desenvolver práticas mais democráticas. Nesse sentido pode ainda, participar de projetos comunitários, a fim de conhecer a realidade das diferentes culturas de forma prática, já que o conhecimento teórico por si só não lhe garante aptidão para ensinar educando oriundos dessa culturas. Defende-se a valorização da aprendizagem desenvolvida por meio da atividade prática.

Deve-se visar não só a igualdade educacional, mas também a formação de novas gerações que valorizem a pluralidade etnocultural como fator de enriquecimento da sociedade. Não se pode limitar o conhecimento ao validado pela cultura dominante. O currículo deve ser organizado em torno de categorias que permitem aos educadores entender como os indivíduos e grupos são oprimidos por fatores relacionados a raça, classe social e gênero, os focos centrais do ensino multicultural.

O que se opõem é a formação de um docente capaz de analisar criticamente sua prática, a fim de aprimorá-la e de desenvolver-se, bem como conscientizar seus alunos da diversidade cultural da sociedade brasileira e de incentivar o questionamento das relações de poder envolvidas nas construções dessa diversidade. Acentua-se a necessidade de discutir no preparo do professor, situações escolares em que se revelem preconceitos e estereótipos, bem como de problematizar conteúdos curriculares e práticas pedagógicas, ressaltando seus aspectos culturais e os elementos discriminatórios, trata-se, em última análise, de desenvolver estratégias para conscientização cultural do docente.

Em depoimento a coordenadora de uma escola da rede estadual de ensino da cidade de Paes Landim-PI revela que “A Secretaria Estadual de Educação ainda não realizou nenhum trabalho que habilite os profissionais da educação a trabalhar com a temática pluriculturalidade”.(coordenadora da escola estudo no capítulo 3).

Na realidade não vem sendo oferecida uma formação direta para os profissionais na educação, a diversidade cultural ainda é assunto apenas de discussão, mesmo com a implementação de leis, manuais, DVDs, na prática ainda não constata avanços, o que pressupõe que falta conscientização social. Pois, os professores também fazem parte da diversidade cultural de que fala, estão inseridos nesse contexto, significa que ele também é vítima da discriminação e opressão, que são produtos das desigualdades sociais moldadas sob o estigma da falta de respeito pela diversidade cultural.

A falta de preparo profissional pode levar o educador ao fracasso na tarefa de ensinar, por deixar de lado a história pessoal do educando dentro do processo educativo, ignorando sua identidade e toda a construção de vida que faz fora do âmbito escolar. Ignorar a diversidade cultural é validar preconceitos e estereótipos que constituem a gama de dificuldades que surgem na trajetória escolar. "A luta pela superação do racismo e da discriminação racial é, pois, tarefa de todo e qualquer educador, independentemente do seu pertencimento étnico-racial, crença religiosa ou posição política". ( Inclusão Social , mód. 4 ,p. 36,2007).

São diversas as mudanças que precisam acontecer na formação docente , que perpassam experiência teóricas e tendem a práticas efetivas, que de fato nortearão o trabalho pedagógico no sentido de preparar o docente de modo concreto, deixando-o apto a conviver e trabalhar com a diversidade cultural, como forma de respeito e valorização das diferenças. Sem privilegiar ou cristalizar práticas excludentes e preconceituosas que vêm se formando ao longo dos tempos. Permitindo assim , que os educandos conquistem posições e direitos iguais , entendendo e compreendendo que aprendemos também com outro, com o saber que não nos é próprio .Passando dessa forma a reconhecer no outro as singularidades como inerência de um ser humano distinto, e não por isso inferior ou superior ; sujeitos de uma construção histórica marcada por desigualdades que não precisam ser perpetuadas.

### **2.3 Currículo dentro da perspectiva pluricultural**

O currículo enquanto parâmetro de desenvolvimento cognitivo dentro do processo educacional é um dos alicerces que precisam ser reestruturados para atender as propostas de trabalho que visam desenvolver a prática pluricultural a serviço do crescimento do ensino aprendizagem.

De acordo com Michael W. Apple (2005, p.59):

A educação está intimamente ligada á política da cultura. O currículo uma é apenas u conjunto neutro de conhecimentos, que de algum modo aparece nos textos e nas salas de aula de uma nação. Ele é sempre parte de uma tradição seletiva, resultado da seleção de alguém, da visão de algum grupo acerca do que seja conhecimento legítimo. É produto de concessões culturais, políticas e econômicas que organizam e desorganizam um povo.

Segundo o exposto não se separa educação de cultura, muito menos da diversidade cultural. O currículo precisa acompanhar os avanços sociais, se hoje a pluralidade cultural é tão discutida e evidente no meio social, sobretudo por ser ignorada, é necessário reformulá-lo para que seja o reflexo dos anseios da população e o que se quebre o paradigma de que a classe dominante é a responsável pela cultura generalizada, que deve ser a única ouvida, legitimando a discriminação e abandono das culturas marginalizadas.

O currículo não pode ser um mero amontoado de conteúdos que visem apenas o desenvolvimento cognitivo, o crescimento intelectual, mas uma organização das necessidades que tenha como objetivo a evolução do ser humano em todos os aspectos da vida social. E não aceitar regras e adaptar-se ao meio, mas participar da criação destas e tornar o meio um lugar adaptável a si.

O currículo deve funcionar como ferramenta na formação de um sujeito ativo, e para tanto, ele (sujeito) precisa ser o ponto de partida, em sua amplitude de interesses, reconhecendo as diferenças e desigualdades que formam a sociedade como um todo.

Para MOREIRA e Silva (orgs). (2005, p.76-77), “O currículo deve reconhecer as próprias raízes na cultura, na história e nos interesses sócias que lhes deram origem. Conseqüentemente, ele não homogeneizará essa cultura, essa história, e esses interesses sociais, tampouco homogeneizará os alunos”. O currículo precisa estar fundamentado na afirmação e reconhecimento das desigualdades e diferenças que privilegiam a marginalizam os alunos de forma tão evidente. Reconhecendo que a pluralidade cultural não pode ser ignorada, pois a cultura está em todas as vivências e formas de expressão.

Um currículo pautado nas diversas manifestações culturais é uma forma ascendentes no processo educacional, promovendo uma educação de qualidade que tem como eixo central o educando, que dentro dessa perspectiva tem sua identidade preservada e respeitada, o que seria um forte agravante para seu crescimento social, educacional e político.

## **2.4 Uma tentativa de mudança**

Em vista da opressão e todo tipo de atrocidades sofridas pelos negros, como também as demais etnias, é que foi implementada nas Diretrizes Curriculares Nacionais a obrigatoriedade para a Educação Étnico-Raciais e para o Ensino de História e cultural afro-Brasileira, a partir do parecer CNE/CP nº 3/2004 aprovado em março de 2004 e homologado

em 19 de maio de 2004, em que foi acrescido à lei 9394/96 a Lei 10.639 Art. 26ª que diz respeito nos seus parágrafos. 1º e 4º obrigatoriedade do:

1º - O estudo da História da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas sociais, econômica e políticas pertinentes à História do Brasil.

4º - O ensino de História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes etnias para a formação do povo Brasileiro especialmente das matrizes indígena africana e europeia.

É imprescindível que a escola ampare concretamente a lei em questão, que se defina como um espaço de socialização de vivências, entendendo que o significado da prática irá significar o âmbito plural em que os alunos estão inseridos, percebendo o contexto social traçando pelas experiências que cada aluno tem e traz para a vida escolar refletidas, permitindo que as experiências culturais significativas aos sujeitos que delas participam se expressem legitimamente.

É um equívoco superar a crença de que a discussão sobre a questão racial se limita ao Movimento Negro e a estudiosos do tema e não à escola. A escola enquanto instituição social responsável por assegurar o direito da educação a todo e qualquer cidadão, deverá se posicionar politicamente, como já vimos, contra toda e qualquer forma de discriminação. □...□ A luta pela superação do racismo, segundo o artigo 50 da Constituição Brasileira, é crime inafiançável e isso se aplica a todos os cidadãos e instituições, inclusive a escola.

Conforme o citado é papel da escola enquanto parte essencial da instância e formadora de conceitos e opiniões, procurar superar essas questões sociais, sem se omitir, mascarar ou compartilhar de qualquer tipo de discriminação, seja ela racial e/ou cultural. Inclusive sob pena de responder por crime.

Os negros não podem continuar a pagar por sua cor e cultura. Não se pode mais conceber posições sociais que foram criadas há mais de quinhentos anos e que no decorrer de uma larga trajetória já foi esclarecido e provado que o crime da escravidão e da discriminação social e cultural é absurdo. O “negro” pertence a uma etnia como qualquer outra, por infelicidade foi submetido a esse regime histórico perverso (a escravidão), que causou estragos que até então, jamais foram superados/reparados, como danos psicológicos, materiais, sociais, políticos e educacionais.

A implementação da lei tem como objetivo oferecer condições dignas e igualitárias para os negros com a criação de políticas e reparações, e de reconhecimento e valorização de sua história, cultura e identidade. Nesse sentido levando a formação de conceitos e atitudes, posturas e valores que os preparam para serem cidadãos orgulhosos de pertencerem a sua “raça” – seja descendente de africanos, indígenas, europeus, asiáticos. Dessa forma interagindo em prol da construção de uma nação democrática e igualitária nas condições sócias e direitos.

Outra meta, segundo a lei, seria o direito dos negros se reconhecerem na cultura, nacional, expressarem sua visão de mundo, poder se manifestar com autonomia, individualmente e coletivamente, como também o direito não só dos negros, mas também de todos os cidadãos brasileiros, cursarem todos os níveis de ensino em escolas estruturadas e equipadas. Com profissionais qualificados nas diferentes áreas do conhecimento; inclusive com formação para lidar com as diferentes formas de racismo e discriminação que se instalam no ambiente escolar, que sejam sensíveis e capazes de conduzir e reeducar as diferentes relações entre os grupos étnicos-raciais, ou seja, entre descendentes de africanos, europeus asiáticos e povos indígenas.

Para tanto são necessários políticas de reparações de mudanças de ideologias, raciocínios, gestos, posturas, modo de tratar os negros, justiça e iguais direitos sociais, civis, culturais e econômicos; uma valorização da diversidade daquilo que distingue os negros dos demais grupos que compõem a sociedade brasileira.

É dever do Estado incentivar e promover políticas de reparações para a população negra tenha os mesmos direitos e possa competir igualmente em todas as esferas sociais. Sem o apoio do Estado dificilmente os grupos discriminados poderão ter igualdade de direitos, continuando assim à margem da sociedade.

O sucesso das políticas públicas de Estado, institucionais e pedagógicas visando a reparações, reconhecimento e valorização da identidade, da cultura e da história dos negros brasileiros dependem necessariamente de condições físicas, materiais, intelectuais, afetivas favoráveis para o ensino e para aprendizagens; em outras palavras, todos os alunos negros e não negros, bem como seus professores precisam sentir-se valorizados e apoiados. Depende também, de maneira decisiva, da reeducação das relações entre negros e brancos, o que aqui estamos designando como relações étnicas, culturais pedagógicas e políticas públicas, movimentos sociais, visto que as mudanças étnicas, culturais, pedagógicas e políticas nas relações étnica-raciais não limitam à escola. (INCLUSÃO SOCIAL, 2007, mód. 4, p.34).

Em conjunto, estado e instituições educacionais é que se pode alcançar o sucesso do processo de ensino e aprendizagem dentro da perspectiva de valorização e respeito à diversidade das relações étnico-raciais. Como também de todas as instancias (que comungam desse mesmo objetivo).

As pedagogias que precisam ser criadas no ambiente escolar devem combater o racismo e a discriminação, favorecendo os negros e despertando nos brancos a consciência negra. Os negros dessa forma poderão orgulharem-se de sua origem africana e os brancos poderão descobrir-se como possuidores da cultura negra, que independente do desejo de cada um ele já parte da formação cultural brasileira, de sua influencia, da contribuição e participação que tiveram na construção da história cultural brasileira. Como também poderão passar a ter consciência da vida social que tem em relação ao segmento negro, e de forma consciente trabalhem para combater o racismo e a discriminação.

A tal lei implementada objetiva mais que uma mudança no currículo, mas também de postura, de ideologia, de atitude na escola, estabelecendo-se à sociedade em geral. Um outro aspecto a ser levantado é de que a lei não se refere exclusivamente à discriminação sofrida pelos negros, mas também a todos que fogem aos paradigmas preestabelecidos por uma minoria do que seria o ideal, os que são “diferentes”, e que por isso recebem tratamento “diferencial” de repulsa e interiorização diante dos demais.

O fato de haver diferenças entre os indivíduos é o que os mais os aproxima e o que os torna iguais, porém não uma realidade imperceptível, depende de um grande avanço, não só no sentido educacional, mas é um papel que cabe a cada indivíduo que compõe a nação brasileira. E para tanto, a escola em sua prática pedagógica deve considerar a diversidade de classe, sexo, idade, raça, cultura, crenças, etc. que estão evidentes na vida escolar e é necessário pensar e repensar o currículo e os conteúdos escolares a partir dessa realidade diversa.

Educação e cultura não se separam, ambas completam-se, separá-las seria o mesmo que ignorar que cada ser humano possui uma história pessoal e que ao adentrar na escola não precisa esquecer-la, inferiorizá-la ou sofrer qualquer abuso por isso. A escola deve ser um espaço de revalidação cultural, onde o educando se reconheça como parte da construção da história e do conhecimento adquirido.

## **CAPÍTULO III**

### **UM ESTUDO DE CASO - PLURALIDADE CULTURAL: COMO VEM SENDO ENCARADA E DE QUE FORMA O PROFISSIONAL DA U.E. JOSÉ MARIABORGES VEM SENDO PREPARADO PARA TRABALHÁ-LA**

O homem é capaz de criar e recriar emoções, separar, agrupar, e classificar o mundo que o cerca. E dessa capacidade de pensar o mundo, de atribuir significados á realidade é que o homem cria o conhecimento organizado, comunicado, compartilhado com seus semelhantes e transmitida á descendência se transforma em cultura humana.

Por meio de pesquisa de campo realizada numa instituição de ensino, é que foi possível fundamenta a investigação sobre o trabalho pluricultural. O estudo foi realizado na unidade escolar José Maria Borges, onde investigou-se e analisou-se como a pluralidade cultural vem acontecendo /desenvolvendo dentro da instituição ,de que forma elabora para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem e como os profissionais vem sendo preparados nesse sentido.

A unidade escolar José Maria Borges é uma instituição pública e localiza-se na rua travessa Landri Sales S/N, CEP:64710-000,Paes Landim, jurisdicionada 12<sup>a</sup> Gerência Regional de Educação, ”A instituição destina-se a formação da criança, do adolescente ,jovens e adultos, visando o desenvolvimento das suas potencialidades ,como elemento de alto-realização ,qualificação para o trabalha e preparo para o exercício consciente da cidadania”,(proposta pedagógica da instituição).Atende a uma clientela de 343 alunos distribuídos nos três turnos de funcionamentos .A escola oferece os seguintes níveis de ensino :Educação Infantil, Ensino fundamental e EJA (5<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> série).O estudo permeia o ensino fundamental (1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> série).

É clara a necessidade de se trabalhar a cultura do educando que adentra no âmbito escolar, sem qualquer distinção, é obrigação da escola como um todo, respeitar as diferenças. Principalmente, tendo em vista o Brasil é um país plural. Para que a escola trabalhe numa perspectiva pluricultural não pode deixar de fora o trabalho da própria identidade do aluno, sua individualidade; a diversidade que há dentro da escola.

A partir dos dados obtidos foi possível acompanhar de perto de que modo a pluriculturalidade vem se desenvolvendo, que grau ocupa na escola de valorização, enquanto respeite e incentivo para o crescimento e desenvolvimento de uma educação de qualidade.

É preciso que a pluralidade cultural seja vista como um fato, como um direito, como um patrimônio da humanidade, como uma forma de afirmação social e da cidadania, como um modo de reconhecer a dignidade dos vários grupos que a representam, reforçando e estimulando, dando um espaço social e uma participação mais ampla na sociedade. Evita-se nessa perspectiva, o risco de ver a pluralidade cultural como uma curiosidade, um folclore.

Inúmeros são os conceitos apresentados sobre cultural. Ora significa erudição, ora determinado tipo de realização humana, como a arte, a filosofia e a ciência; os conceitos artísticas. A cultura não é um simples conceito que se limita no sentido original da palavra (colcre, que significa cultivar, criar), mas engloba também o cuidado do homem com a natureza, com a alma humana e com sua educação e formação. A cultura são os costumes, as tradições, a língua, a raça, a religião, enfim, os valores da diversidade humana. Ser culto não é simplesmente ter escolaridade, mas sim, ser você mesmo, preservando seus valores, seus costumes, falando a sua língua e apreciando as diferenças, amando e respeitando a si e a seus semelhantes.

Nesse sentido, a instituição José Maria Borges visa desenvolver no aluno a capacidade de aprendizagem, tendo meios básicos o domínio da leitura, da escrita, do cálculo, da expressão e comunicação de ideias. Ainda, conscientizar os pais sobre a necessidade do acompanhamento dos seus filhos na escola e tem como princípios de igualdade o acesso e permanência na escola, como também a valorização dos profissionais da educação.

Um dos pontos abordados na proposta pedagógica é a revisão e a atenção à diversidade cultural do aluno. Porém, ainda na proposta, não é um dos objetivos a serem alcançadas pelo aluno, bem como pela instituição; dentre os valores considerados importantes por ela. Nas metas estabelecidas os valores culturais ganham sentido apenas em situações específicas, como por exemplo, datas comemorativas e folclore, ocasiões em que os valores deveriam ser resgatados, enfatizados e tornados evidentes. Sendo assim, a cultura é tida

como algo a ser comemorado e não vivenciado cotidianamente . Apesar disso, os professores afirmam que a cultura é para ser vivida no dia-a-dia .E não vista como algo distante da realidade e da identidade de um povo.

Segundo a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação)

Os currículos ensino fundamental e médio devem ter uma base Nacional, a ser complementada, em cada sistema de Ensino e estabelecimento escolar , por uma parte de Diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura , da economia e da Clientela .(LDB,1996, Art.25).

Com base no exposto o educando tem que gozar de sua cultura e valores, sem distinção ou discriminação. A diversidade cultural deveria ser um parâmetro para o desenvolvimento do processo de ensino cotidiano, não com o fim de se chegar a uma cultura comum , mas de um conhecimento global da variedade cultural. Valorizar mais o que se conhece, ou o que se tem contato é quase que inevitável , não como forma apropriação da cultura do outro , ou mesmo de abandono da sua , mas para que se constitua o respeito pelas particularidades do semelhante.

Mas, o que pode ser observado ,segundo os dados colhidos , é que nem os profissionais, nem a instituição José Maria borges têm cumprido com esse dever .Porque estão agarrados ao tradicionalismo que constitui o currículo escolar há muito tempo, procurando mascarar essa falha acusando o sistema educacional :Falta preparação, incentivo. Porém, não reconhecem que são omissos , se a cultura é um “bem” que todos possuem não se pode esperar por iniciativas do governo ;isso é o mesmo que ratificar que a cultura não está presente no cotidiano em todos os aspectos do comportamento humano, “que é um conhecimento transmitido de geração em geração”, como tradicionalismo ouve-se falar.

A cultura parece que se tornou um fardo a carregar, os profissionais demonstram intimidação diante do assunto e isso é uma questão muita antiga que se cristalizou em nossa história . É inadmissível que um tema atualmente em voga, como foi dito por todos os profissionais que participam da pesquisa , que é tratada em reuniões , não tenha despertado a curiosidade ao mesmo para o seu significado que é tão óbvio –várias culturas –e tão “ antigo”.

O assunto chega a provocar medo, a ponto de alguns se negarem a participar da pesquisa, porém , essa deveria ser forma de conhecer mais , de buscar ajuda e solução. Pois entretidos com os problemas encontrados diariamente em sua “ árdua tarefa” , não há como os educadores se atentarem para todos os fatos, se faz necessário auxílio de outras partes ( instituição públicas e privadas , órgãos governamentais e não governamentais), que tem

oportunidades de se observar de fora , através de uma ótica e que se disponha a compartilhar ideias e soluções.

Os profissionais da educação não vêm recebendo qualquer preparação dentro da perspectiva pluricultural. Indiretamente dizem que há uma preocupação por parte do governo, no que diz respeito ao material didático fornecido pelo MEC, dentre eles DVDs e os PCNs , que fazem uma abordagem sobre o tema. Assinalam que é um trabalho que precisa ocorrer no cotidiano da escola. Mas não há nenhum trabalho específico que habilite os profissionais a trabalharem com temática em questão.

Segundo o PCN temas Transversais- Pluralidade Cultural e Educação Sexual (p.130) “o ensinar-aprender deve acontecer a partir da incorporação da realidade social e cultural vivida por cada criança , no cotidiano da escola , tentando levar uma nova concepção para compreender as culturas que nos cercam e uma visão de mundo pautada sob óptica da cidadania”. Apresentar ainda, uma noção afirmativa da diversidade cultural como riqueza humana como um dos temas transversais que devem perpassar diferentes disciplinas, não só geográfica e histórica , como de costume.

O documento considera que o desafio da proposta desse conjunto de temas é levar a escola a esse debate e incentivar que esta incorpore tais temas em sua prática. O tema da diversidade nele abordado, não reduzido á critica, ao preconceito, á discriminação e ao racismo, o que também deve ser incluído no documento. Há principalmente, uma valorização construtiva da multiplicidade de povos, culturas e tradições existentes no Brasil , ainda não suficientemente conhecidos e estudados no sistema escolar , muitas vezes nem sequer reconhecido.

O professor é um elemento bastante significativo no processo de desenvolvimento e valorização cultural. Se ele trabalha como “transmissor” de conhecimento, dará ênfase totalmente a sua figura, sua cultura , identificando-se como padrão dominante da sociedade em que vivi ,é imposto a todos os alunos , desconsiderando por completo as peculiaridades culturais. Um orientador concedido dessa forma irá trabalhar muito bem os conteúdos que tem por objetivo a formação nacionalismo ou de valores que podem ser considerados humanos. Porém , estará deixando de fora a riqueza representada pela diversidade cultural.

O professor “facilitador” estaria atento ás peculiaridades do educando, a desenvolver sua capacidade de argumentação ,sem ,contudo ,interferir em suas opiniões pessoais .Ele pode ainda atuar como mediador , o que se estabelece entre professor e aluno.

O educador estabelece uma ligação entre a cultura particular do aluno e os valores culturais da sociedade , num sentido mais amplo . Não importa área da atuação do

profissional de educação, o ideal é que ele consiga efetivamente manter relação entre os conteúdos trabalhados em sala de aula e a realidade histórica e cultural de seus alunos, sendo assim um mediador.

Tudo isso, porém, só acontecerá de fato, se os profissionais estiverem aptos a trabalhar dentro dessa perspectiva, de modo que isso de forma direta. Não apenas por meio de incentivos ,mas uma proposta de trabalho realmente direcionada e preparada para que a pluralidade cultural, de fato, seja encarada como tal.

Enquanto a cultura for tida como um fato oportuno ou algo para ser mostrada e exibido, como é da opinião de alguns profissionais , jamais será tido como algo vivo, essencialmente presente na vida do ser humano, será vista sempre com saudosismo nas chamadas datas comemorativas. A pluriculturalidade é entendida também , como um fato novo, discutida como uma proposta futura de delineamento do trabalho educacional.

Segundo os professores da instituição é notória a discriminação dentro da sala de aula por parte dos alunos, tanto racional , econômico , étnica , como também a presença de manifestação do racismo . Faz –se necessário relatar isso de um modo geral não só por parte dos alunos , mas como dos professores e da equipe escolar , mesmo que às vezes isso ocorra de forma involuntária e inconsciente.

O que ocorre na maioria das vezes é que as atitudes e praticas discriminatória não podem ser justificadas , embasadas em oscilações de humor ou estado emocional. Essa é uma situação que precisa ser superada em qualquer das hipóteses, antes mencionadas, o que exige do professor informação, discernimento, sensibilidade ao sentimento do outro e, sobretudo, intencional desejo de colaborar na superação do preconceito e da discriminação social.

É necessário compreender que aquele que é alvo da discriminação sofre de fato, e de maneira intensa, o professor precisa estar atento para ouvir até o que não foi dito .Como a história do preconceito é tão antiga , muitos dos grupos de discriminação desenvolveram um medo profundo e uma cautela permanente como reação. O professor precisa saber que a dor silenciosa é mais forte que a pronunciada .Poder expressar o que sentiu diante da discriminação significa a chance de ser resgatado da humanidade e de partilhar com colegas seus sentimentos.

Tratar da diversidade cultural reconhecendo-a e valorizando, e da superação da discriminação é atuar como um mecanismo de exclusão – tarefa necessária ainda que insuficiente , para que se caminhar na direção de uma sociedade mais plenamente democrático . É um imperativo do trabalho docente na sala de aula ,

voltado para a cidadania , uma vez que tanto a desvalorização cultural – traço o bem característico de um país Colonizado- quanto a discriminação são entraves á plenitude da cidadania para todos ; portanto, para a própria nação .(LIMA, 2001, p.54).

Na escola José Maria Borges a pluralidade cultural, é , sobretudo um tema discutido nas reuniões e planejamentos , mas efetivamente não é vivenciado , nem mesmo faz parte do currículo escolar requer uma transformação não apenas dos conteúdos e métodos ensinados ,mas dos princípios gerais com os quais se constroem e interpretam os conhecimentos. É preciso deixar para trás a concepção do conhecimento com algo pronto , neutro , sem um caráter histórico , sem marcas de classes e de interesses.

Desse modo o currículo não pode ser uma simples enumeração de matérias escolares, nem o estabelecimento de conteúdos programáticos, mas a soma de todas as experiências que a criança realiza, dos hábitos que adquire, das noções que dominar das informações que obtiver através da escola.

No entanto serão insuficientes modificações, no que tange ás desigualdades no currículo escolar. Também a superação das práticas curriculares excludentes é diretamente ligada ás políticas educacionais, mas ampla. Por isso, as políticas educacionais precisam associar políticas curriculares ás políticas de formação de professores, de melhoria de salário e das condições de trabalho docente e de investimento nas instalações e nos materiais pedagógicos escolar. Não podemos, ainda, estar desvinculadas de projetos de melhoria da qualidade de vida das pessoas da população em geral.

A possibilidade de organização de um currículo capaz de incorporar o Pluralismo cultural demanda um contexto democrático de decisões sobre os conteúdos de ensino , no qual os interesses de todos tenham a possibilidade de ser representados .Essa exigência torna as políticas do currículo nacional , atualmente projetadas em diferentes países , e especialmente no Brasil , contraditória com diversidade cultural, uma vez que não vem sendo desenvolvido mediante amplo debate nacional. (MACEDO, 1999, p.76).

Afirmar o direito á diferença e a identidade é um dos mais importante imperativos da luta pela dignidade humana .Trata-se de um direito tão fundamental quanto o direito á igualdade de oportunidades socioeconômicas mais diversas e , muitas vezes , de caráter coletivo.

A pluralidade cultural é especificamente justificada por se considerar que a vida democrática exige o respeito ás diferenças culturais. Na sociedade brasileira o maior desafio

da escola é investir na superação da discriminação e dar a conhecer a riqueza apresentada pela diversidade étnico-cultural que compõe o patrimônio brasileiro, valorizando a trajetória particular dos grupos que compõem a sociedade.

A cultura vivida é a escolhida por uma classe em ascensão e tudo certo. Os que tentarem colocar seus valores, mostrar sua identidade, são marginalizados e tidos como desaculturados. É hora de romper esse paradigma de que existe uma cultura certa, bonita; romper com o modismo e simplesmente viver as diferenças. Cabe aos profissionais da educação a missão de despertar os educandos para a construção de valores pautados na singularidade de cada grupo de forma livre sem imposições, preconceitos; partir para conscientização de que a pluralidade faz parte de história da nação brasileira e que também compõem a história individual de cada um.

O que se pode constatar é que a escola encontra-se despreparada para trabalhar com a realidade individual do educando, falta um estalo, o despertar para o que poderia ser uma solução para muitos dos problemas encontrados no processo de ensino aprendizagem, como por exemplo: ensinar aquilo que é realmente de interesse do aluno. Para tanto, é necessário um olhar atento, colocando em primeiro lugar esse aluno.

Discussões somente não bastam, mas atitudes. Enquanto a pluralidade cultural for tida como transversalidade, como algo oportuno, que tem um momento certo para ser trabalhada, jamais a educação chegará a um patamar de respeito às diferenças; fim do preconceito, a igualdade de importância. Pois, para que sem consigam tudo isso é necessário mais: conhecer sua identidade.

Não existem manuais que façam o trabalho do professor ou que digam como fazê-lo. Mesmo existindo o PCN específico ou até DVDs, não basta, pois também só trazem informações, discussões que poderiam funcionar como conscientização, no que diz respeito a importância, como também atualidades e fatos relevantes na formação cultural brasileira.

Estar consciente da pluralidade cultural é reconhecer, respeitar e ter um “outro olhar” sobre as diferenças, valorizando-as, seja ela étnicas ou culturais. E a escola exerce um papel crucial na vida do homem, agindo como formadora de valores, e com isso, tendo a capacidade e a responsabilidade de mudar sua mentalidade e superar os preconceitos.

E, sobretudo, os profissionais precisam estar preparados e cientes de seu papel, enquanto semeadores de condutas e valores. Nesse sentido, promovendo a vivência e a valorização plural da cultura, não de homogeneização, mas de respeito às diferenças.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pluralidade não é totalmente respeitada na sociedade brasileira. A escola passa por cima muitas vezes das diferenças culturais. Tudo isso, devido ainda sobrevivermos sobre o velho paradigma de que a cultura que prevalece é a da classe dominante, pois a sociedade carrega consigo a desigualdade arraigada desde os tempos da colonização.

Porém, o povo brasileiro ainda não entendeu que a diversidade cultural não é uma escolha, mas um fato, que constitui essa nação. As pessoas estão vivendo e agindo dentro da pluralidade cultural, mas não tem discernimento e consciência para assumir que vivem a diversidade cotidianamente, nas coisas mais simples.

O povo brasileiro é movido pelo preconceito que vem sendo disseminado há mais de quinhentos anos, repetindo aquilo que se cristalizou-se como melhor, como mais bonito, como modelo universal. Esquecendo-se que uma cultura não pode ser melhor ou pior, o que os identifica como brasileiro é exatamente diversidade cultural.

Contudo, as tentativas de mudanças existem, busca-se o respeito a heterogeneidade de cada cultura, seja a implantada, pelo negro, branco; que hoje encontra-se misturadas apesar de ser possível distinguir o que é peculiar a cada uma.

Ignorar a individualidade de cada educando que adentra a escola é o mesmo que deixar a realidade deste. Volta-se a dizer: é a negociação dos direitos constitucionais “educação igual para todos”, indiferente de classe social, raça, sexo, posição econômica. Cultura é mais que status, é vida.

Enquanto estado e escola não se unirem em prol da promoção de uma educação igual, que não busque homogeneização cultural, mas igualdade de direitos, respeitando a pluralidade cultural da sociedade, o pressuposto de que o papel da escola é trabalhar a realidade do aluno vai continuar teoricamente existindo.

## REFERÊNCIAS

CUNHA, Beatriz Monteiro da. **Tudo é Brasil** .São Paulo: Evoluir , 2003.

DAMATA, Roberto. **O que é Brasil** .vol .1. Rio Janeiro: Rocco , 2003 .(coleção palavra da gente).

DE LIMA, Teresinha Bazé. **pluralidade cultural** .Palestra proferida pela Associação Campo- grandense de professores . ACP , 17/05/2000.

DIÉGUES JR. Manoel. **Etnias e culturas no Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

LIMA, Maria Nazaré. **Escola Plural: a diversidade está na sala : formação de professores em história e cultura afro-brasileiro e africana**.São Paulo :Cortez. Brasília: UNICEF, Salvador , BA: CEAFFRO,2005.

LDB, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação** – 939/97. 2ª Ed. Nº 3, ano II, CNTE. Maio/97  
MOREIRA, Antônio Flavio Barbosa.SILVA, da Tomaz (orgs).**Currículo, Cultura e sociedade** .8 ed.São Paulo :Cortez ,2005.

\_\_\_\_\_ **Currículo Política e Práticas**.Campinas-SP: Papyrus  
,,1999.(Coleção Magistério e Trabalho Pedagógico)

RIBEIRO, Darcy.**O povo brasileiro :a formação e o sentido do Brasil** .São Paulo: Companhia das letras ,1995.

DVD-TV ESCOLA.**Pluralidade cultural** .VOL. I e II, Ministério da Educação.

### ACESSOS DA INTERNET

Disponível em: [www.pluricultural.com.br](http://www.pluricultural.com.br)

Disponível em: [www.TVESCOLA](http://www.TVESCOLA).

Disponível em: [www.curriculo/pluricultural.com.br](http://www.curriculo/pluricultural.com.br)

## **ANEXOS**



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

**Identificação do Tipo de Documento**

- ( ) Tese  
( ) Dissertação  
( X ) Monografia  
( ) Artigo

Eu, **FERNANDO HENRIQUE BARBOSA HILÁRIO**, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação **PLURALIDADE CULTURAL: Peça chave no desenvolvimento do processo ensino – aprendizagem no Piauí na cidade de Paes Landim**, de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 10 de Janeiro de 2015.

*Fernando Henrique Barbosa Hilário*

Assinatura

*Fernando Henrique Barbosa Hilário*

Assinatura

Eu, **Fernando Henrique Barbosa Hilário**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI, 20 de outubro de 2014.

*Fernando Henrique Barbosa Hilário*  
Assinatura

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí**  
**Biblioteca José Albano de Macêdo**

**H641p** Hilário Fernando Henrique Barbosa.  
Pluralidade cultural: peça chave no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem no Piauí na cidade de Paes Landim / Fernando Henrique Barbosa Hilário. – 2014.  
CD-ROM : il: 4 ¼ pol. (37 p.)  
  
Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2014.  
Orientador(A): Prof. MSc. Raimundo Nonato Lima dos Santos  
  
1. Cultura - Diversidade. 2. Pluralidade Cultural. 3. Desigualdes Sociais I. Título.

CDD 306